

BERNARDO ÉLIS

“Perdi meu tempo escrevendo no Brasil”¹

Iuri Rincon Godinho

Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG)

Academia Goiana de Letras (AGL)

iuri@contatocomunicacao.com.br

Com a honra de ser o primeiro – e único até agora – goiano a entrar para a Academia Brasileira de Letras, Bernardo Élis diz que escrever no Brasil é uma bobagem e confessa que desperdiçou o seu tempo. Esta opinião contraditória com sua vida e produção não é a única que defende. Integrante do movimento modernista de 1924 foi também estudioso da língua, , costumes e tradições do interior goiano. Contra as instituições e colaborador na fundação da União Brasileira de Escritores – Seção Goiás, é comunista convicto, mas bem relacionado com os governantes e a elite intelectual do país.

Bernardo Élis diz que trouxe essa característica de seu pai, Eurico Curado, que nunca atribuía muita certeza a nada. Tanto que o escritor nunca teve nenhuma pessoa que admirasse totalmente, à exceção de Karl Marx e Carlos Prestes, com quem manteve uma conversa rápida uma vez. Hoje residindo numa casa no estilo sueco, Bernardo Élis é mesmo um legítimo goiano. Ele assegura que desde que se tem notícia de sua árvore genealógica, em 1740, sua família sempre viveu em Goiás, não recebendo nenhum elemento de outro Estado².

Formado em Direito, ex-professor da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade Católica, Bernardo Élis não frequentou curso primário e entrou pela primeira vez numa escola aos 12 anos para estudar no Lyceu de Goiás. Segundo ele, a escola teve uma grande influência na formação cultural do estado e por certo também na sua. Ali conviveu com nomes importantes da cultura de Goiás como Pedro Gomes, João Setubal, desembargador Dário Délio Cardoso, Colemar Natal e Silva, Venerando de Freitas Borges, José Péclat e Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, além de outros.

Nesta entrevista, ele fala sobre sua obra, a importância da corrente regionalista, faz algumas críticas a Guimarães Rosa, de como desenvolveu a linguagem caipira de seus personagens e sobre os motivos que o levaram a disputar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

I. R. Godinho. *O senhor tem 25 livros publicados, o primeiro em 1944. Como faz hoje uma releitura de sua obra?*

B. Élis. Encontro falhas, porque assim como o mundo evolui, o espírito humano também. Mas sempre procurei impor-me de acordo com o momento da vida e acho os contos do meu primeiro período bastante avançados. Não tenho maiores restrições. Eles têm muitas coisas úteis que eu até perdi com o tempo. Mas analisando, também deixei de ter uma visão ligada a

¹ Entrevista originalmente publicada no Jornal Mutirão Cultural. Goiânia/GO, N.10, novembro de 1993.

² Ver nota de pesquisa do genealogista Nilson Jaime, publicada nesta mesma Edição.

classe média rural goiana e passei a ter uma ideologia mais aberta, com uma compreensão maior dos fatos sociais, da economia e do socialismo. Eu parti de uma visão negativista e anarquista do primeiro livro para uma filosofia mais objetiva e dirigida para o social.

I. R. Godinho. *A linha regionalista, a qual o senhor pertence, ainda é uma corrente forte na literatura brasileira?*

B. Élis. Acho o regionalismo brasileiro interessante porque ele não se atém a escolas. Surgiu no romantismo, teve um papel importante no realismo, passou pelo simbolismo e em 1924, por ocasião da Semana de Arte Moderna, dizia-se que ele estava morto. Mas surgiram grandes obras regionalistas naquele momento, inclusive a obra de Monteiro Lobato, que pertence a uma fase um pouco anterior. Vieram outras escolas até que em 1950/60 proclamou-se de novo a morte do regionalismo e surgiu a obra de Guimarães Rosa. Então, esta é uma corrente muito vivaz na literatura brasileira, que pôde se adaptar a várias épocas.

I. R. Godinho. *Mas para participar de todas essas escolas, o regionalismo teve que se renovar, não?*

B. Élis. O regionalismo não pode ficar no que eu, Mário de Andrade, Monteiro Lobato e o próprio Guimarães Rosa fizemos, ou seja, um regionalismo voltado para a parte rural. Porque este setor encontra-se hoje muito modificado, foi penetrado pelo capitalismo, pelas estradas, pela comunicação, então, ele não guarda mais a mesma importância. As populações rurais migraram para a periferia das cidades, inchando-as e hoje é aí que se encontram os problemas regionais. Ali você acha a língua, os hábitos e costumes caipiras, num conflito de duas culturas, a antiga, rural, caipira e a cultura moderna.

I. R. Godinho. *O senhor chegou a realizar alguma pesquisa de linguagem para criar a fala caipira de seus personagens?*

B. Élis. Isso é interessante porque eu nem sou dado muito a línguas. Estudei inglês, francês e latim, mas não falo, tenho uma dificuldade de aprendizagem. Acontece que por eu ter passado a infância junto com elementos que falavam a língua caipira eu adquiri um conhecimento muito profundo. A minha família era elitista, falava um português ligado à gramática, mas quando eu era criança vivia mais junto do povo que utilizava a linguagem popular.

I. R. Godinho. *Mas além da vivência o senhor fez algum estudo teórico da língua caipira?*

B. Élis. Quando publiquei Caminhos e Descaminhos, comprei muitos livros que tratavam da língua brasileira, alguns sistematizando a língua caipira em torno de princípios gramaticais. Cheguei a estudar o tupi para saber se ela tinha exercido influência sobre o português, tentei adquirir uma gramática africana e estudei também o latim vulgar de onde se originou o português. Não cheguei a boas conclusões porque meu estudo foi interrompido, mas, até onde fui, entendi que o caipira não é uma deturpação do português pelas línguas africanas e indígenas. Ele é decorrência da evolução do latim vulgar. As expressões com **lhe** molhado, por exemplo, em lugar de dizer vermelho, diz-se **Vermeio**, isso é uma tradição portuguesa que vem do latim. O descuido que temos em usar o S como plural, atribuo a outra razão, à influência de línguas como a africana, indígena e italiana, que não tem o S como plural. Daí essa tendência em dizer **nóis** vai, **nóis** fica. Fico admirado em ver como no Brasil não se faz concordância.

I. R. Godinho. *Quem o senhor citaria como um grande escritor regionalista goiano?*

B. Élis. Hugo de Carvalho Ramos, embora seja diferente de mim. Enquanto ele é pré-modernista, eu já sou ligado à corrente modernista, que retomou a evolução da língua portuguesa, passando a aceitar certas deturpações, que na verdade são evoluções. A partir do romantismo criou-se uma língua popular que passou a admitir certos excessos, como o uso do pronome reto em lugar do oblíquo. Mas Hugo de Carvalho Ramos ainda era mais harmonioso, mais preso aos caminhos portugueses. Ele tinha como processor Coelho Neto, Alexandre Herculano, enquanto nós modernistas fazíamos questão de aceitar a linguagem popular, quando não se chegava ao ponto de fazê-la, retratando-a em toda sua propriedade.

I. R. Godinho. *Como o senhor avalia a nova geração de escritores do Brasil?*

B. Élis. No Brasil, como em toda parte do mundo não há uma vertente muito visível do que seja novo ou do que seja velho, do que seja popular ou erudito. Há uma certa confusão e no Brasil – devido ao fato de Guimarães Rosa ser o único elemento estudado nas escolas – há uma tendência de valorizar mais os aspectos subjetivos em detrimento dos objetivos. Como sua obra oferece muito mais bicos, problemas para divergir, criou-se a concepção de que texto de valor é o subjetivista. Uma obra como a de José Lins do Rego, que é bastante objetiva, quase não é examinada nas universidades. Guimarães Rosa usa de recursos muito avançados, que nem sempre estão de acordo com a linha geral de evolução ou apresentação da língua portuguesa no Brasil. A linguagem de Guimarães Rosa é algo próprio dele, que não é do

povo. É algo abstrato. Acho que a obra literária tem que ser distribuída com harmonia, em certos momentos deve predominar um tipo de visão e em outros deve conter não só aspectos subjetivos, como objetivos.

I. R. Godinho. *O uso excessivo de antíteses, palavras com pronúncias semelhantes, com a mesma raiz, principalmente na poesia, também está ligada a esta onde subjetivista?*

B. Élis. O uso de todos esses recursos é válido, mas não totalmente válido. Em certos momentos sim, quando se quer fazer uma ironia. Mas só em certos momentos.

I. R. Godinho. *O que o senhor está produzindo atualmente?*

B. Élis. Não estou produzindo nada. Escrevo algumas crônicas para o Diário da Manhã e apreciações para alguns livros que me agradam. Não tenho ânimo para escrever obras volumosas, não que eu me sinta velho. Acho que é inútil. Eu hoje tenho compreensão de que perdi meu tempo escrevendo no Brasil. Não valeu nada. Tenho 24 livros que, se depender deles, passo fome. Não dão coisa alguma. Apesar do povo goiano ser formidável – apoia, estimula – ninguém tem condições de adquirir livros. Eu mesmo há muito tempo não compro um, porque meu orçamento não dá. É bobagem escrever no Brasil.

I. R. Godinho. *E a compreensão pessoal?*

B. Élis. Escrevi porque era uma pessoa inocente. Meu pai enaltecia muito a literatura, escreveu dois livros e colaborou em muitos jornais sem pensar em ganhar dinheiro. E ele incutiu um pouco disso em mim. Então, a literatura pode ser muito bonita, mas dá muita fome.

I. R. Godinho. *E quanto à crítica brasileira. O senhor considera que houve alguma situação em que ela foi injusta ou deu denominações que o senhor considerou indevidas?*

B. Élis. A verdade é que a maior parte da crítica tem emitido opiniões favoráveis, mesmo aquelas que dedicaram a um estudo mais profundo. Alguns acham que a minha literatura é muito preocupada com aspectos linguísticos. Outros que ela está mais voltada para os aspectos sociológicos e estudam ou essa ou aquela parte. E há um certo descaso com o aspecto literário da obra, ou seja, a sutileza de construção de personagens, imagens e condução da história.

I. R. Godinho. *O conto mais conhecido do senhor é A enxada. Ele é mesmo seu melhor conto ou há outro?*

B. Élis. Essa pergunta é interessante porque não tenho o hábito de reler minha obra. Mas acho que a literatura de **Ermos e Gerais** (uma das primeiras obras de Bernardo) tem muita coisa que eu abandonei e que era interessante, mas também examino que meus contos atuais são mais profundos, detalho melhor a personalidade e comportamento humano. **Ermos e Gerais** foi feito mais na base da crítica e ironia. O conto **A enxada** é importante porque retrata bem toda a região subdesenvolvida não só de Goiás, mas do Brasil. Nele estão fixadas a opressão das classes dominadoras, a falta de assistência social, intelectual e até religiosa para o povo. Todos esses aspectos que julgo interessantes, eu soube conduzir de uma maneira em que a matéria sendo propícia a um dramalhão em que poderia desabar – voltando-se muito para os aspectos trágicos -, eu soube dar uma linha de equilíbrio.

I. R. Godinho. *Foram feitas muitas adaptações de A enxada, principalmente para o teatro. Como o senhor as avalia?*

B. Élis. Eu sou muito tolerante. A literatura no Brasil já é uma droga, não tem a possibilidade de penetrar nas massas, só um Guimarães Rosa consegue ser popular no mundo acadêmico, mas também fica só ali. Então, como a literatura no Brasil já é um corpo estranho, qualquer comentário que se faça da minha obra é uma contribuição para sua divulgação. Não me preocupo muito se a interpretação é exata, bem feita ou mal feita, porque outra opinião que tenho é que o teatrólogo, o ensaísta, o cineasta também são artistas e têm o direito de desenvolver a obra conforme seus pensamentos. No filme **Índia, a Filha do Sol**, por exemplo, houve um certo desvio do que eu propunha. O soldado que eu retratei como sendo um neurótico com uma arma na mão, fazendo mal a torto e a direito, se transformou no filme num camarada vingador, que aplicava a justiça e a liberdade. Desviou bastante do meu pensamento.

I. R. Godinho. *Como o senhor interpreta o fato de ser o primeiro goiano a chegar à Academia Brasileira de Letras?*

B. Élis. Lutei com muito esforço para chegar à ABL. Eu me julgo o elemento cuja ideologia se tornou a base das pregações do movimento modernista, por isso eu era a pessoa que convinha. No primeiro momento, nós modernistas repudiávamos muito a Academia e não víamos vantagens, como não reconhecíamos em nenhuma instituição. Achávamos que o

comunismo era a liberdade absoluta, sem regras e pregávamos um anarquismo que não daria em nada. Com o tempo passei a perceber que nas academias havia escritores de todos estados do Brasil, mas de Goiás não havia nenhum nome. Então, entrar para Academia para mim era uma espécie de vingança. Eu queria ser um escritor que pudesse figurar ali para dar nome a Goiás.

I. R. Godinho. *A fundação da União Brasileira de Escritores – Seção Goiás fez o senhor repensar a importância da instituição e contribuiu para que fosse para a Academia Brasileira de Letras - ABL?*

B. Élis. Goiás não tinha expressão nenhuma e nós sentíamos que tínhamos que nos aproximar dos grandes centros, por isso fundamos a UBE-GO, com a finalidade de dar ao escritor respaldo. Depois a entidade foi fortalecida pela criação da Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos, criada pelo então prefeito Venerado de Freitas Borges, que atribuiu aos integrantes da UBE a tarefa de examinar a obra escrita, julgá-la e encaminhá-la para edição. Isso foi um passo decisivo para a cultura goiana, porque a partir daí se desenvolveu toda a literatura de Goiás. Talvez um Hugo de Carvalho Ramos ou um Francisco de Azevedo e outros mais antigos tivessem conseguido uma projeção maior se já existisse a UBE. Depois da UBE entrei para a Academia Goiana de Letras (AGL) e continuei até chegar à ABL.

I. R. Godinho. *E hoje, na sua opinião, a Academia é reacionária ou não?*

B. Élis. Sempre tive resistência à Academia Brasileira. Embora reunisse homens notabilíssimos, eu achava que era um órgão reacionário. Depois que Jorge Amado entrou e tantos outros, comecei a ver que não era bem isso, que ela é uma instituição tolerante. Não é reacionária, é conservadora. Os grandes nomes da literatura participaram ou quiseram participar, como Mário de Andrade, Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade e outros. Então, achei que não podia me dar ao luxo de não pertencer à Academia. No Brasil já há um preconceito muito grande com quem nasce no interior. A literatura brasileira é, sobretudo o folclore do Rio de Janeiro. Por isso, era interessante Goiás entrar para a Academia Brasileira. Quando conversei com Manuel Bandeira sobre o assunto, ele achou que eu devia concorrer, pois a Academia já havia perdido muitos goianos, e citou Leopoldo de Bulhões e Americano do Brasil.

I. R. Godinho. *Não é contraditório, o senhor que sempre teve uma posição de esquerda, hoje ocupar cargos públicos e estar mais voltado para as reuniões e festas da elite?*

B. Élis. Não é contraditório porque hoje a esquerda não mantém aquele rigor de antigamente. Eu sempre fui marginalizado, perseguido e até hoje isso continua porque eu ainda guardo alguns princípios. Por exemplo, não sou católico e essa é a religião oficial do Brasil. Mas naquele tempo havia uma restrição ainda maior à minha pessoa. Nós ficávamos muito isolados. Não porque quiséssemos, mas porque éramos levados a isso. Atualmente houve uma abertura geral com a queda da União Soviética.

I. R. Godinho. *O senhor ainda é comunista?*

B. Élis. Sim, sou comunista. Acho que o marxismo está muito vivo e voltará a dominar o mundo. Todo o marxismo é um conjunto de ideias fantásticas que vencerá ou hoje ou amanhã. No momento passa por uma fase de dominação capitalista. Mas vai voltar, não com as características que tinha antes, mas nos padrões do marxismo. Fico admirado que apesar de toda a falsificação do comunismo na União Soviética, aquele país conseguiu sobreviver 70 anos. É fabuloso imaginar que uma sociedade que pregava frontalmente a inexistência de Deus, o fim da propriedade privada e da dominação do mundo pelos países capitalistas ter conseguido se manter por 70 anos.

I. R. Godinho. *Qual é o papel social do escritor?*

B. Élis. Alguns acham que ele é um palhaço, eu não chego a tanto. Outros que a literatura está na vanguarda de todo pensamento, outros que é uma inspiração sobrenatural, quase divina. Eu acho que o escritor é uma pessoa sensível, cheio de crises e que tem conseguido, às vezes chegar onde nem mesmo a ciência imagina. Então, a arte trabalha para tornar mais agudo os sentidos humanos. Tem sido uma forma de compreender a vida e abrir a visão humana. Esse é seu papel.